

Quem disse que não daria certo?

Ednaide Cristina Fernandes dos Santos

04

Sim! Era uma tarde pascal. Um domingo ensolarado e nós estávamos lá, reunidas, cada uma em sua casa, de frente para o computador, contemplando o rosto sonolento de uma, cansado da outra e sorridente da terceira. O rosto sorridente era o da professora supervisora de estágio. Isso mesmo. Ela parecia até estar mais empolgada que as estagiárias. Ela mesma pediu a reunião, ela mesma demonstrou confiança, ela mesma dizia que daria certo – no final vamos conferir isso.

E assim fomos nós, para a desafiante aventura de mudar pela quinquagésima vez o rumo do nosso Projeto. Puxa daqui, puxa de lá. Torce daqui, espreme de lá, e decidido foi. Parecia que daquela vez era real. Sim! Enfim, poderíamos colocar em prática o tão esperado projeto – esperado, porque sonhado, não. Quem em sua sã consciência sonharia com um Estágio Supervisionado de professores II dessa forma? Nem no pensamento mais remoto, imaginaríamos assim – sem trocadilhos!

A novidade causava medo, ansiedade, nervosismo. Mas já devíamos estar acostumados com a situação. Desde o ano passado aulas remotas eram dadas no país. Mas, não! Não há com o que se acostumar. Não é possível se acostumar com uma pandemia que está levando do nosso convívio pais, mães, alunos, professores, vovôs e vovós e tantas outras pessoas queridas.

Dar aula nesse contexto, com certeza, não estava nos planos de ninguém. Porém, foi assim. Nesse tempo da história, foi assim que tentamos dar aula, foi assim que conversamos com os alunos sobre gramática, produção textual, literatura e o que mais numa aula de Língua Portuguesa couber.

A professora citada outrora, consciente do momento atual em que vivemos se fez sensível, ou melhor, parece ela ser uma pessoa de sensibilidade; aquela pessoa que olha para o outro e vê não apenas um aluno, mas vê uma pessoa. E, a partir disso, tenta ser algo mais para aquele aluno – não que ser professor não seja algo suficiente, pois só quem é o sabe – mas, ser uma outra pessoa que fala, que interage com outras pessoas. Vendo a sorridente professora preparar a aula, dar a aula para seus alunos, se animar com a indicação e leitura de um livro era empolgante – e se fosse o “Diário de Anne Frank”, então... Dá até vontade de ser professora! Pois é, minha gente, quando tudo parecer obscuro demais procure uma professora sorridente, converse com ela, ou apenas a observe. Por trás daquele sorriso, tem lutas, histórias diversas, noites mal dormidas, formação profissional séria, desejo de aprender sempre mais, enfim, tudo o que um bom professor é! Não é apenas um sorriso de dentes brancos, ressaltados pelo novo visual, novo óculos e novo corte de cabelo, mas um sorriso de quem ama o que faz. Não sei vocês, mas dá vontade de ser professora de novo. De novo, porque um dia eu quis ser. Quis ser! Na brincadeira com os vizinhos, lá na mais tenra idade, eu era sempre a professorinha. Meu vizinho, à época, me chamava de professora (acho que até hoje ele não sabe meu nome!). Me diziam: “você tem cara de professora”. Acho que tinha o coração também... Não sei! Difícil perceber esses verbos todos no passado. “E, agora, José?” O tempo passou, a criança cresceu. A professorinha de outrora sente, hoje, que tem muito ainda a aprender, a aprofundar, a conhecer, a refletir e, quem sabe, um dia voltar a sentir o

coração bater novamente por aquela sala de aula “dos sonhos”...

Bom, seguindo essas linhas, penso que fui presenteada com uma escola cheia de qualidades – não deu tempo ver os limites, mas é provável que tenha, nada nem ninguém é cem por cento. Na reunião do conselho de classe, por exemplo, professores e professoras sorridentes – parece essa ser uma qualidade da escola, não? – falavam sobre aquela prova que não retornou do aluno, sobre aquele aluno não conhecido – isso mesmo! Alguns professores não sabiam quem era o aluno fulano de tal – sobre quem passava e quem não passava de ano. Muitas análises, uma conversa relativamente leve e algumas críticas também – quem nunca entrou numa sala de professores na hora do intervalo, que atire a primeira pedra. No fim, os professores são heróis e são vilões, são anjos e demônios. Contudo, o que seríamos sem eles?

Ainda teve uma reunião da Direção com o corpo docente. E a estagiária onde estava? Na reunião da direção com o corpo docente, atenta a tudo e a todos, esperando por qualquer semente que poderia germinar aqui nessas despreziosas linhas. Era a primeira do ano, diga-se de passagem, após a Semana Pedagógica – semana feita de dois dias, precisamos entender isso depois. Isso mesmo, porque em abril se iniciou o ano letivo de 2021 – uma pequena consequência da pandemia, comparada a outras – e, nós, universitárias e universitários (soa bonito isso, não é?) – ainda concluindo 2020. O diretor, muito educado, expressava seu reconhecimento pelo exímio trabalho realizado pelos professores, citou até o nome de alguns. Aparentemente, um agradecimento obrigatório, necessário, seria o mínimo a fazer. Afinal, a escola foi uma das primeiras a iniciar as aulas remotas. Os professores, voluntariamente, se organizaram e começaram a dar aulas *online* antes de todos os outros professores das demais escolas. Foi um esforço e tanto! Internet pessoal do professor, computador do professor e a vontade do professor, também. É! Vontade é muito importante. Principalmente, quando falta a do Estado. Porém, na fala do educado diretor-professor – pois na escola ele assume os dois papéis – parecia não ter só o “mínimo a se fazer”. Parecia ser real, sincera e carregada de gratidão. Enfim, uma escola com professores cheios de vontade faz toda a diferença, não é mesmo?

E você deve estar se perguntando: e os alunos desta escola? Onde estão? Não vai citá-los? Eu te respondo: Vi algumas fotos deles de perfil – o perfil do e-mail que aparece na tela da sala de aula virtual. Vi também a letra do primeiro nome de outros: F, M, L, J, K, R, W, Y. Vi cores diversas também: uns alunos eram amarelos, outros azuis, outros vermelhos, roxos, laranjas e por aí vai. De outros alunos, ouvi a voz, algumas vezes, porque raramente abriam o microfone – vozes de jovens cheios de vida – imagina na sala de aula, presencialmente! – não conheci a letra deles, se tinham letra bonita ou garranchosa – não dá pra saber pelo chat.

Os alunos? Não os conheci fisicamente. Mas eles estavam lá. Eles estão lá. Com suas dores e esperanças. Cheios de vida e de desejo que a escola deles retorne novamente. Sim! A escola como conhecemos antes de 2020 era uma, oxalá que, depois de tudo isso, ela seja outra.

E, então, será que deu certo?

O Estágio Supervisionado foi concluído. Entreguei o trabalho final. Fiz as reflexões pedidas. Escrevi, pensei, relatei, questionei. Fiquei com uma boa nota ao final da Disciplina. Respirei aliviada. Despedi-me da turma. Agradei à Supervisora de estágio. Voltei à “vida normal”.

Porém, prefiro continuar com a pergunta dentro de mim, ainda viva e sem resposta (melhor assim): será que deu certo?
